

PREFÁCIO

“Não haverá borboletas se a vida não passar por longas e silenciosas metamorfoses”.

- *Rubem Alves*

Vivemos dentro de redes de conversação que são externas e internas. Dentro delas atravessamos fases de incubação e transformação. Educação é um processo que nos acompanha ao longo de toda vida. Toda cognição é social. Somos dentro das diferentes linguagens que nos definem enquanto ser no mundo. Um ser sendo que vai, aos poucos, desaparecendo.

Livros são agentes conscientes, seres com vida própria que, depois de paridos, e mesmo antes, assumem o controle de suas vidas (e das nossas). Nós e os livros somos actantes ¹ dentro de um mundo de coisas que não são coisas, pois que, como todo ser vivo, se animam e se movem em busca de significado.

O presente livro fala de Mídias Digitais; Redes Sociais e Educação em Rede. Cada experiência de aprendizagem é algo único e mágico. Aristóteles fala de “phronesis” que, para Heidegger, é o mesmo que falar de consciência. Vivemos em um multiverso dentro do qual navega esta tal consciência. Viver em rede é reconhecer-se uma multidão fragmentada e dispersa que, segundo Carl Gustav Jung, precisa ser reunida para dar nascimento ao Self.

A caverna de Platão se transformou na caverna digital de Donald Hoffmann. Acessamos o mundo real por meio de ícones, símbolos. A caverna das montanhas da Grécia Antiga se metamorfoseou nas telas dos computadores modernos.

Dentro dos mundos criados pela nossa imaginação vivem os livros. O presente tem muitos autores: muitos pais e muitas mães. Filho de uma inteligência coletiva é este ser que ora desafia o leitor para uma aventura.

Inovar é trair, revolucionar. Se a deusa Hera corresponde à tradição, é preciso trair a deusa para construir algo sem precedente. É disto que trata o capítulo 2.

Por um lado, temos uma das piores internets do mundo, uma das mais caras. Paradoxalmente temos mais de cem milhões de brasileiros “conectados”, a grande maioria, jovens. Mas temos outras possibilidades, como a web radio, que serviu de inspiração para os capítulos 3, 4 e 5.

O rio tecnológico é uma correnteza. Aprender é processo contínuo, é vida que vale a pena, que deixa marcas. Se não marcou, não viveu, não aprendeu. O arquétipo do Mago fala das tecnologias, da varinha mágica capaz de transformar o mundo. Temos: Facebook, Instagram, Twitter, Research Gate... Lorde Voldemort ameaça a paz e a integridade de nossos espíritos com esses monstros modernos. É disto que trata o capítulo 7.

¹ Julien Greimas utiliza esta palavra para determinar os participantes ativos (pessoas, animais ou coisas) em qualquer forma narrativa, seja um texto, uma imagem, um som (Greimas, A. J. y Courtes, J., 1990).

Fazemos parte da alma do mundo, Anima Mundi. Estamos conectados a esta grande teia que se chama vida. Toda educação é a distância. O problema é, foi e será, o de como eliminar esta distância.

Mídias sociais, cultura digital e educação em rede. A liderança se desloca para o virtual, se descentraliza, para desespero dos poderosos. Essa nova liderança, desprovida de um líder, pode transformar um país como o nosso, que equilibra cores, gêneros e etnias em algo único, que chamamos de humano.

Falamos em REA, recursos educacionais abertos, lindo ideal com enormes desafios a serem superados. Os MOOCs (Cursos Massivos Online e Abertos) são seres de pesadelo, promessas de grandes faturamentos, de uma educação em massa, massa de fazer pão, fogueira de São João. Três capítulos são dedicados a eles. Os MOOCs são ofertados para um grande número de alunos e possuem grande quantidade de material.

Chega mais perto e contempla as palavras. Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra e te pergunta, sem interesse pela resposta, pobre ou terrível, que lhe deres: Trouxeste a chave?

A educação é a provedora das chaves, a construtora das pontes. Devemos ao arquétipo do Bobo este impulso para a “Gamificação”. A missão da escola, seja ela presencial ou virtual é primeiro, divertir, encantar, seduzir para, só então, provocar o processo de vida morte vida que chamamos de aprendizagem.

O olhar etnocêntrico nos impede de aprender com os “diferentes” e não é mais compreensível na modernidade líquida em que vivemos. Que delícia são as rupturas, tensões e lacunas. É preciso romper, sair de si mesmo.

A educação empodera e inclui. Precisamos matricular toda a humanidade em Hogwarts, transformar a todos nós em bruxos e bruxas poderosos. Precisamos trocar a Linguagem do Ego pela Linguagem da Alma. A alma lembra e, lembrando, nos ajuda a reconhecer que somos “um nas redes”, que somos “o outro dos outros”, que somos “as próprias redes que habitamos”. Não somos estátuas de sal. Somos ventania. Estamos em um contínuo processo de devir a ser. Nossa obra prima somos nós mesmos.

Florianópolis, 13 de agosto de 2015.

Francisco Antonio Pereira Fialho

Coordenador da Área de Mídia do Conhecimento, Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, da UFSC.

Professor do Programa de Pós-Graduação em Design, área de mídias, da UFSC.

Professor Titular da Universidade Federal de Santa Catarina

fapfialho@gmail.com

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.
- ANDRADE, Mário de. A poesia em 1930. In: Aspectos da literatura brasileira. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- GREIMAS, A. J. y COURTES, J. (1990). Actante. In: Semiótica. Diccionario razonado de la teoría del lenguaje. Madrid: Gredos.
- HOFFMAN, D. Inteligência visual. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- HOFFMAN, D. Conscious realism and the mind-body problem. *Mind & Matter*, vol. 6(1), pp. 87–121, 2008.
- NASSER, C. M. Disponível em: <<http://www.wobook.com/WBWU3Ru56q4z-16-a/Chandal-Meirelles-Nasser/Page-16.html>>. Acesso em 16 Ago. 2015.
- PABLOS, Basilio de. El tiempo en la poesía de Juan Ramón Jiménez. Madrid:Gredos, 1965.